

Associação Nacional de História – ANPUH
XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - 2007

**Estimativas sobre a Família Escrava da Fronteira Oeste do Rio Grande de São Pedro
(1750-1835)**

Silmei de Sant'Ana Petiz*

Resumo: A presente comunicação visa trazer a público alguns resultados parciais da pesquisa que ora se desenvolve sobre a formação de famílias escravas e condições de sociabilidades na fronteira Oeste da Capitania (depois província) do Rio Grande de São Pedro, entre 1750 e 1835. Como análise parcial e demonstrativa da composição da família escrava, o atual estágio da pesquisa indica que cerca de 30% dos inocentes batizados eram filhos legítimos e através do *compadrio* percebe-se a possibilidade de alargamento das relações, visto que, entre as possíveis combinações de padrinhos, aqueles onde ambos são escravos ocorreu em 46,3% dos casos demonstrando uma clara preferência por estabelecer relações com outros escravos.

Palavras-chave: escravidão, família escrava, fronteira.

Abstract: The present communication purpose is to make known some partial results of the research that has been done on the formation of slave families and the socialising conditions at the At the West frontier of the Administrative division (later Province) of Rio Grande de São Pedro, between 1750 and 1835. As a partial and demonstrative analysis of the slave family composition, the present moment of this research shows that around 30% of the innocent baptized were legitimate children and that through the '*compadrio*' you can see the possibility of broadening the relationship, since among the possible combinations of godparents, those where both were slaves happened in 46.3% of the cases showing a clear preference of having a relationship with another slaves.

Key words: slavery, slave family, frontier.

Os historiadores que pesquisam aspectos sociais da escravidão têm enfatizado a valorização do escravo enquanto sujeito ativo do processo histórico, indicando a necessidade de uma nova percepção que visualize as formas de controle e reprodução da sociedade escravista, contextualizado, necessariamente, no tempo e no espaço, como marcos essenciais para o estudo das experiências históricas na sua singularidade. Esses novos estudos encontraram nos inventários *post-mortem* e nos registros paroquiais de batismos e casamentos, fontes cruciais para a análise mais precisa do parentesco escravo.

^{1*}Doutorando em História pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS, bolsista CAPES. Autor do livro: *Buscando a liberdade – as fugas de escravos da província de São Pedro para o além-fronteira de 1811 a 1851*. Passo Fundo: Editora UPF, 2006. *E-mail:* silmeipetiz@terra.com.br

Como se sabe, os primeiros estudos sobre as relações entre escravos no Brasil revelaram uma noção de devassidão imperando nas senzalas. O relacionamento de cunho familiar não tinha lugar, enfatizavam-se as relações casuais revelando-se uma situação de generalizada promiscuidade (MALHEIROS, 1976) Que, por sua vez, apoiava-se, em argumentos que defendiam a inferioridade do negro em relação aos brancos (RODRIGUES, 1976). Outros atribuíram a escravidão à responsabilidade pela impossibilidade da família como elemento que impôs aos cativos uma condição de anomalia social (FERNANDES, 1965).

Seguindo o caminho desses debates movidos pela família escrava que, conforme salientou Robert Slenes (1999) permanecem centrados na região de *plantation* do século XIX, propusemos executar pesquisa para a fronteira Oeste do Rio Grande, objetivando verificar, assim, qual o papel exercido pelas famílias na relação dos escravos com seus proprietários, buscando perceber a sua função nesse processo. Para tornar mais completa a análise dos ritmos e do perfil do parentesco, é necessário compreender como se constituía o tamanho dos plantéis uma vez que esse dado refere-se a uma importante variável, já que permite saber, por exemplo, se o fato de os escravos terem convivido diariamente com mais ou menos pessoas do mesmo *status* teria influenciado nas escolhas matrimoniais ou no padrão do compadrio e, conseqüentemente, no grau de valorização da comunidade cativa ou a sua relação com o grau de legitimidade das crianças.

No estudo que realizamos para a fronteira Oeste, recorreremos à utilização dos inventários *post-mortem* como fonte para análise para obtenção dos padrões de posse dos escravos dessa região. O exame desses registros nos possibilita perceber, ainda que de maneira aproximada, o montante dos escravos e a sua distribuição entre o conjunto da população livre, assim como o estudo das características demográficas dos cativos por meio de aspectos como a presença de africanos, a razão de sexo, as faixas etárias, etc.

Outro aspecto importante de ser observado para a compreensão das características peculiares dessa região é a sua taxa de africanidade, pois esse dado nos permite estimar a importância do tráfico atlântico para o abastecimento local. Alinhada a essa questão encontra-se o exame da razão de sexo, visto que, em princípio, a desproporção entre os sexos teria sido maior entre os africanos e mais equilibrada entre os escravos nascidos na colônia.

A importância dessa questão também pode ser observada pelo fato de a reprodução natural ser considerada como uma característica marcadamente dos períodos posteriores ao fim do tráfico, quando ficaria mais custoso conseguir a reprodução dos escravos através da comercialização. Uma das raras exceções nesse sentido refere-se justamente ao estudo

realizado por Laureano (2000) para o Rio Grande do Sul colonial que, tomando por base um conjunto documental formado por inventários *post-mortem*, considerou que a reprodução natural entre escravos uma prática que: “já nos seus primórdios era prática comum possibilitar às escravas terem filhos para aumentar seus plantéis, principalmente, entre os que não possuíam uma extensa escravaria” (LAUREANO, 2000, p. 88).

O exame das fontes nos mostrou a importância da multiplicidade de tendências nas famílias escravas da fronteira seja ela legitimamente constituída ou não, para compreendermos a sua importância na região necessitamos ainda analisar a estabilidade dessas famílias por meio do cruzamento dos dados e também seguir a trajetória de suas vidas.

Com o levantamento da documentação foi possível visualizar uma fração da história dessas famílias, além de perceber que muitos compadres eram escolhidos entre escravos e pertenciam muitas vezes a outros plantéis, um claro indicativo da importância da comunidade escrava na região. As alianças, percebidas pela escolha dos nomes, preferencialmente entre os padrinhos, demonstraram que existiam laços de afetividade demonstrada através dessas homenagens. Nesse sentido, entendemos que as famílias escravas estariam sustentadas no somatório dos laços verticais e horizontais, os quais deverão ser melhor entendidos com o avançar do trabalho em curso.

Referências Bibliográficas

FERNANDES, Florestan. **A integração do negro na sociedade de classe**. São Paulo: Edusp, 1965.

LAUREANO, Marisa Antunes. **A Última Vontade: um estudo sobre os laços de parentesco entre os escravos na Capitania do Rio Grande de São Pedro 1757-1809. Dissertação de Mestrado**. Porto Alegre: PUC/RS, 2000.

MALHEIROS, Perdigão. **A escravidão no Brasil: ensaio histórico, jurídico e social**. 2. v. Petrópolis: Vozes, 1976.

RODRIGUES, Raimundo N. **Os africanos no Brasil**. São Paulo: Nacional, 1976.

SLENES, Robert W. **Na senzala uma flor: esperanças e recordações na formação da família escrava. Brasil Sudeste, século XIX**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.